

FICHA TÉCNICA

Título original: *Looking Glass Girl*

Autora: *Cathy Cassidy*

Texto © Cathy Cassidy, 2015

Ilustrações © Erin Keen, 2015

Edição original publicada na Grã-Bretanha por Puffin Books Ltd em 2015

Tradução © Brilho das Letras, Lisboa, 2015

Tradução: *Mafalda Acebey*

Ilustrações: *Erin Keen*

Paginação: *Miguel Trindade*

Impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 395 963/15

1.ª edição, Lisboa, setembro, 2015

Jacarandá é uma chancela da Brilho das Letras

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

Brilho das Letras

Uma empresa Editorial Presença

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena



Olá!

Há muito tempo que sou fã das *Aventuras de Alice no País das Maravilhas* e *Alice do Outro Lado do Espelho*, por isso, quando me propuseram escrever um livro com o tema da Alice, saltei de entusiasmo. A Alice foi sempre o meu ícone da ficção, as ilustrações originais de Tenniel de uma rapariga de cabelo ondulado, saia em balão e *collants* às riscas sempre foram a minha ideia de visual ideal ainda que, agora com a idade, esteja um pouco mais moderada! Também adoro o modo como as histórias da Alice mudam perigosamente do sonho para o pesadelo, e apesar de adorar o filme da Disney e a versão mais recente com o Johnny Depp no papel de Chapeleiro, a minha versão cinematográfica preferida é a de 1966, um filme ainda a preto e branco.

Soube logo que a minha história da Alice seria um pouco misteriosa e surreal. Adorei escrevê-la e espero que vocês também gostem de a ler. Peguem num chocolate quente e numa tarte de compota e deixem-se cair pela toca do coelho...

Cathy Cassidy, xxx





1

— Serviço de emergências... em que posso ajudar?

— Precisamos de uma ambulância! Depressa, por favor!

— Vou transferir a chamada...

— Serviço de ambulâncias... em que posso ser útil?

— Depressa, precisamos de uma ambulância! A minha amiga caiu e não se mexe. Receio que... Oh, mande-nos uma ambulância, OK?

— Onde estão? Pode dar-me a morada?

— Não! Oh, por favor, não lhe digas, Yaz! Vou estar metida em sarilhos!

— Vamos todos estar em sarilhos! Isso agora não interessa! Tenho de lhe dizer, Savvy! Caso contrário, como é que a ambulância chega aqui?

— A morada?

— Alô? Desculpe! Precisamos da ambulância para o número 118 da Laburnum Drive em Ardenley. Despachem-se! Ela caiu e não consegue mexer-se...

— De onde é que caiu?

— Caiu das escadas. Foi um acidente!

— Tocaram-lhe?

9



— Não, estávamos com medo — está ali deitada meio esquisita... Ela não se mexe... e há ali imensos vidros partidos e sangue...

— Já vai uma ambulância a caminho.

— Quanto tempo demora? Estou com tanto medo...

— Não desligue... estaremos aí o mais rápido possível.

— Foi um acidente!

— Como se chama a sua amiga?

— Alice. Alice Bech...





2

Alice

— *Consegues ouvir-me, Alice? O meu nome é Martin. Sou paramédico. Aguenta-te, Alice.*

Está tudo escuro; uma escuridão espessa e macia que parece envolver-nos como um cobertor. Consigo ouvir alguém a falar comigo, mas não entendo o que diz — é como uma espécie de código secreto. Não faz sentido nenhum.

— *Estou a ligar para reportar uma vítima de traumatismo craniano, sexo feminino, treze anos.*

Vítima de traumatismo craniano?

Ouço o gemido de uma sirene que me crava as unhas na pele preenchendo-me os sentidos. Provoca-me dor em todo o corpo, mas não consigo dizer-lhes que a façam parar.

E de repente, sinto que estou a cair de costas, pela toca do coelho, pesada como uma pedra. Os meus gritos são abafados pelo cobertor macio da escuridão.

11



Sexto ano

Nem sempre fui uma vítima. Não há muito tempo era uma rapariga normal, uma rapariga feliz. Não tirava boas notas na escola e não era lá muito popular, mas tinha amigos maravilhosos e uma família feliz. Preocupava-me com as coisas habituais: os resultados na escola, as discussões no recreio, se algum dia viria a encontrar um *bobby* em que fosse boa — alguma coisa em que pudesse brilhar... mas essas preocupações nunca me impediram de me divertir.

Foi então que, no sexto ano, me escolheram para o papel principal na nossa produção da turma da *Alice no País das Maravilhas*. Na primeira noite estava tão ansiosa que achei que não seria capaz de o fazer, mas a minha amiga Elaine apertou-me a mão com força dizendo que eu seria brilhante e, sem saber como, arranjei coragem para subir ao palco. Era apenas uma peça de teatro da escola num ginásio antigo, mas o público bateu com os pés no chão gritando e assobiando de entusiasmo e eu segurei na minha saia de balão azul-escura com os dedos e fiz uma vénia, sorrindo com tanta força que até me doeram os músculos da face. Acho que nunca me sentira tão feliz.

A Elaine e a Yazmine, a minha outra melhor amiga, apenas tinham pequenos papéis em que não falavam, faziam de cartas de jogar, guardas da rainha, mas estavam muito felizes por mim.

— Foste extraordinária — disse a Yaz. — Eu nunca teria conseguido decorar aquelas falas todas!

— E pudeste ensaiar aquelas vezes todas com o Luke Miller! — suspirou a Elaine. — Que sorte! Ele é tão giro!

Eu ri-me, mas não tinha uma paixoneta pelo Luke Miller como acontecia com a Elaine. Já o conhecia desde a pré-primária



e via-o como um amigo, às vezes um pouco chato, mas divertido também. Tinha sido divertido trabalhar com ele na peça, mas o Luke ia para a Academia de Adernley depois das férias, por isso sabia que não ia voltar a vê-lo. A Elaine, a Yaz e eu íamos as três para St. Elizabeth, uma escola exigente só para raparigas, que à partida seria excelente para nós.

Na verdade eu preferia que fôssemos todos juntos para a Academia. Fomos visitar a St. Elizabeth e eu detestei as madeiras escuras e tristes, o pavimento reluzente e as molduras com fotos antigas de equipas de hóquei e de basquetebol nas paredes dos corredores. Não conseguia imaginar-me passar ali os sete anos seguintes da minha vida, de *blazer* debruado com tranças e uma saia de pregas cinzenta e meias brancas até aos joelhos. Por favor, meias? A sério? Muito mau! Mas a Elaine e a Yaz também iam para lá, por isso afastei as minhas dúvidas e inscrevi-me. Os meus pais ficaram tão orgulhosos como se eu tivesse tirado cinco a todas as disciplinas.

Acabámos o sexto ano em grande. A Elaine, a Yaz e eu planeámos o nosso esquema de férias, agendámos festas de pijama, piqueniques no parque, dias de compras na cidade, banhos de sol nas traseiras, mas no último dia do período a senhora Harper virou tudo de cabeça para baixo. Entregou-me um panfleto sobre um clube de teatro a decorrer no verão, o que veio mudar tudo completamente.

— São duas vezes por semana durante as férias — disse ela. — Um grupo dos onze aos dezasseis, todos com jeito para representar. Achei que seria perfeito para ti e para o Luke!

Estava tão entusiasmada por ter sido escolhida que nem reparei no olhar de desaprovação das minhas amigas. Não me tinha apercebido de nada até duas semanas mais tarde, quando fui dormir a casa da



Elaine. Eu tinha estado a falar sobre um exercício de improvisação que fizera com o Luke naquele dia quando a Yaz me interrompeu.

— Alice? — disse ela. — Não leves a mal, mas estamos fartas de te ouvir falar sobre esse clube de teatro o tempo todo. E sobre o Luke e de como são tão amiguinhos. Só sabes falar nisso e já é um bocado chato.

A Elaine franziu o sobrolho. — Sei que não o fazes de propósito — começou ela. — Mas parece que nos queres fazer inveja.

Pestanejei. Andava a falar muito sobre o clube de teatro? Sobre o Luke? Parecia que estava a exhibir-me? Talvez.

— Desculpem — disse eu. — Talvez às vezes me tenha deixado levar. É que é tão divertido, e eu sei que vocês iam adorar e...

A Yaz e a Elaine trocaram um olhar exasperado e não prestaram atenção ao que eu dizia.

— Foi só por sorte que te deram aquele papel — disse a Yaz. — Aposto que a senhora Harper só pensou em ti porque também te chamas Alice e decidiu dar-te uma oportunidade.

— Qualquer um sabe representar — acrescentou a Elaine. — Se tivéssemos aulas especiais, também seríamos boas. Mas também quem é que quer isso? Mascarar-se e jogar ao faz de conta. Nunca pensei que o Luke gostasse desse tipo de coisas. É tão infantil!

Depois disto tive o cuidado de não voltar a falar na escola de teatro nem no Luke. Fiquei de boca calada e tentei parecer interessada quando falavam de rapazes, de maquilhagem e de música, mas a minha confiança estava abalada. A Yaz e a Elaine nunca me tinham dito antes que eu era infantil ou aborrecida. Eu pensava que elas estavam contentes por eu finalmente ter encontrado alguma coisa que fazia bem.

Em vez de tentar conversar sobre alguma coisa fixe, ficava em silêncio, com receio de dizer algo errado. A Yaz e a Elaine



começaram a falar de idas à cidade sem mim, um dia nas pistas de gelo, uma viagem de comboio até à costa. Tentei não me importar. Eu ia ao clube de teatro duas vezes por semana, por isso não me podia queixar se fizessem coisas sem mim, mas, pela primeira vez, comecei a achar que me estavam a excluir de propósito.

O verão foi complicado. Às vezes, quando ligava à Elaine ou à Yaz, elas não me respondiam. Quando ligava para casa delas, alguém me dizia que tinham saído para ir ao cinema, ao parque ou que simplesmente não estavam. Esqueciam-se muitas vezes de me devolver a chamada.

Talvez nos tivéssemos afastado um pouco no último ano. Às vezes, a Yaz e a Elaine reviravam os olhos quando eu não mostrava interesse em *boys bands*, paixonetas ou verniz turquesa, mas eu também não achava que essas diferenças fossem fatais. Eu pensava que podíamos superar essas diferenças como sempre fizéramos quando uma de nós não partilhava a mesma paixão por *ballet*, póneis ou pelo Harry Potter. Eu achei que iríamos ultrapassar tudo isso, mas quando a Yaz deu uma festa de pijama no último fim de semana de férias e não me convidou, já não tinha tanta certeza.

Devíamos começar na St. Elizabeth ao mesmo tempo, nós as três contra o mundo. Em vez disso, vesti o uniforme novo, com as meias até ao joelho e *blazer* debruado, e fui para a escola sozinha, porque as minhas amigas não tinham respondido às minhas mensagens. Sem elas, eu estava perdida num oceano de desconhecidos em uniforme: à deriva, perdida.

Apeteceu-me gritar e chorar e desatar a correr para casa, mas não se pode fazer estas coisas quando se tem onze anos. Levantamos o queixo, mordemos o lábio e fingimos que não nos importamos.



A St. Elizabeth tentava manter as amigas juntas, por isso puseram-me no mesmo dormitório que a Yaz e a Elaine. O meu rosto iluminou-se quando as vi no primeiro dia e elas também me sorriram, e por momentos pensei que tudo afinal estivesse bem connosco.

— Olá, Alice — cumprimentou a Yaz. — Como estás? Há semanas que não te víamos! Que tal o verão? E que tal a maravilhosa escola de teatro?

— Foi ótima — respondi.

— De certeza que fizeste amigos muito fixes — disse a Elaine.

Pensei como ficara a conhecer melhor o Luke, como ele se revelara um bom amigo e já não era o mesmo rapaz da escola primária; talvez até já fosse algo mais. No entanto, não achava que esse tema pudesse interessar às duas.

— Bem, fiz alguns amigos — menti. — Mas têm idades diferentes e não creio que algum esteja aqui nesta escola...

— Mas isso é bom — disse a Yaz. — Conhecer pessoas diferentes... porque nós não temos estado na mesma onda nos últimos tempos, pois não?

Mordi o lábio. — Estás a querer dizer que já não somos amigas?

— Claro que somos amigas — respondeu a Elaine. — Óbvio que somos! Mas isso não quer dizer que tenhamos de andar sempre juntas. Devíamos conhecer outras pessoas, fazer novas amizades. Estamos a crescer e a caminhar em direções diferentes. Talvez necessitemos apenas de algum espaço?

Espaço? Já tinha ouvido falar nisso quando a mãe da Elaine se separara do pai. «Ela só precisa de algum espaço», dissera a Elaine. «Talvez voltem a ficar juntos. Talvez. A maioria dos casais precisa disso para manter a relação saudável. Os teus pais se calhar também deviam fazê-lo. Quem sabe se não estão apenas juntos por causa do Nathan e por ti?»



— Não me parece — respondera eu. O rosto da Elaine ficara mais duro e o olhar mais amargo e zangado. Eu sabia como ela se sentia triste, por isso não disse nada sobre a minha mãe e o meu pai serem muito felizes juntos; não queria fazê-la sentir-se ainda pior.

Os pais da Elaine não se reconciliaram. A mãe da Elaine arranjou um namorado novo: alguém chamado Kevin, sem trabalho e com um problema de atitude. Ele infernizava a vida da Elaine, e quando eu e a Yaz íamos lá dormir ele era tão malcriado e resmungão que a Elaine teve de deixar de nos convidar.

E agora ela também queria algum espaço para ela — longe de mim.

— Ainda somos amigas — explicou a Yaz. — Mas as coisas agora são diferentes, Alice. Vamos aproveitar a escola secundária. Novos começos, novos desafios, novos amigos. Boa sorte!

Elas afastaram-se e deixaram-me sozinha.





3

A casa da Alice

É uma casa geminada, pequena e moderna ao fundo de uma rua sossegada sem saída. Os candeeiros da rua lançam um brilho dourado sobre o jardim bem cuidado de narcisos e prímulas. Uma bicicleta BMX foi deixada sem cuidado a meio do caminho. Nem uma cortina se mexe quando um carro da polícia estaciona em frente da entrada. As casas estão imersas na escuridão e veem-se algumas estrelas no céu negro acima dos lampiões de rua.

— Está uma noite gelada — diz o agente policial Lewis, olhando para o céu. — Nem parece primavera...

— Anda lá — incita a agente policial James. — Vamos lá acabar com isto.

— Detesto intervenções destas — comenta o parceiro. — Também tenho uma filha de treze anos. Festas de pijama. Pensamos sempre que estão em segurança e que estas coisas nunca acontecem.

Sobem o caminho da entrada e tocam à campainha algumas vezes, insistindo depois um pouco. Acende-se uma luz no andar de cima e ouvem uma voz masculina resmungar:



— Já vai, já vai. Calma. Já vou abrir.

Um homem na casa dos trinta com uma *T-shirt* exageradamente grande e de *boxers* abre a porta e o seu rosto empalidece ao ver os polícias. Estavam habituados a esta reação, pois entendiam que não era sinal de boas notícias dois polícias tocarem à campainha a meio da noite.

— Senhor Beech? — pergunta a mulher-polícia bruscamente.
— Sou a agente policial James e este é o meu colega agente policial Lewis. Podemos entrar um instante?

— Sim, sou Mark Beech. O que se passa? O que aconteceu? Foi a Alice? — o homem em calções estava a perder a calma e a voz começava a deixar transparecer o pânico. — Digam-me!

Os agentes da polícia passam por ele e entram no *hall*. Um gato acerca-se, roçando-se nas pernas e ronronando levemente. Nessa altura aparecem mais duas pessoas no cimo das escadas, uma mulher num roupão polar azul e um rapaz de nove ou dez anos, a bocejar, vestido num pijama do Batman.

— O que aconteceu? — geme a mulher. — Aconteceu alguma coisa à Alice? O que foi? Por favor, digam-nos que ela está bem...

— A vossa filha Alice sofreu um acidente — começa o agente policial Lewis com voz calma e tranquilizadora. — Receio que tenha sofrido um traumatismo craniano. Foi levada para o Serviço de Urgência do Hospital Geral de Ardenley.

— Oh, meu Deus! — grita a mulher. — Um traumatismo craniano? Um acidente? Como? Ela devia estar a dormir em casa de uma amiga! Não compreendo!

— Tanto quanto sabemos, o acidente teve lugar na Rua Laburnum Drive, número 118 — informa a agente policial James. — Ao que parece, a Alice desequilibrou-se e caiu de umas escadas, indo bater com a cabeça na tijoleira do chão.



Mark Beech agarra no casaco, pega nas chaves do carro que estavam na mesinha da entrada, mas para de repente ao dar-se conta de que estava descalço e em calções.

— Não entendo — diz Laura Beech. — Como é que isto pôde acontecer? A esta hora da noite? Onde estavam os pais da Savannah? Porque é que não nos telefonaram logo?

— Creio que os senhores Hunter foram passar o fim de semana fora — diz a agente policial James. — Uma irmã mais velha ficou a tomar conta delas, mas não sabemos se estava no local quando o acidente ocorreu. Informámos o serviço de proteção às famílias...

— Mas a Alice está bem? — insiste Laura Beech. — Não é sério, pois não?

— Como já expliquei, ela sofreu um traumatismo craniano — responde o agente policial Lewis, não encarando o olhar da mãe da Alice. — Os médicos são os indicados para explicar o que se passa.

— Isto não pode estar a acontecer — diz Laura Beech. — Quero vê-la! Tenho de a ver agora!

— Podemos levá-la ao hospital se quiser — oferece o agente policial Lewis. — Ou pode ir a conduzir, se assim o desejar.

— Eu levo o carro — diz o senhor Beech. — Nathan, vai vestir alguma coisa quente, eu vou só...

Encolhe os ombros, desanimado, e galga as escadas à procura de sapatos e de umas calças.

Os dois agentes da polícia afastam-se de carro. Menos de dois minutos depois, a família Beech sai de casa também no próprio carro, mergulhando na escuridão da noite, preocupada e intranquila.

— A Alice vai morrer? — pergunta o Nathan, quebrando o silêncio e fazendo Laura chorar.

